LARANJA

CASO SEJAM CONFIRMADAS AS ESTIMATIVAS REFERENTES À QUEBRA DA PRODUÇÃO DA FLÓRIDA, EM OUTUBRO, AS PERSPECTIVAS DE EXPORTAÇÃO DE ATÉ 501 MIL T DE SUCO BRASILEIRO SERÃO BASTANTE FAVORÁVEIS. ASSIM, O PAÍS PODERÁ OBTER UMA ARRECADAÇÃO INÉDITA COM AS VENDAS EXTERNAS DO PRODUTO, EM 1982. TAL ÊXITO, PORÉM, SERÁ DEVIDO, BASICAMENTE, A UM CAPRICHO CLIMÁTICO.

As exportações brasileiras de suco de laranja concentrado que, no primeiro semestre deste ano, renderam ao país US$ 294,4 milhões, deverão alcançar, em 1981, a cifra recorde de US$ 550 milhões, 62% superior ao total arrecadado com a exportação do produto, em 1980.

O notável desempenho do setor, no corrente ano, só foi possível graças à ocorrência de geadas na Flórica, no mês de janeiro, que destruíram cerca de 16% da produção de laranja daquele estado americano, responsável por aproximadamente 80% da produção de cítricos do país. Como a Flórida é, praticamente, o único fornecedor de matéria-prima para a indústria norte-americana de sucos, a quebra na produção de laranjas daquele estado, segundo as últimas estimativas, resultará numa redução de cerca de 65 milhões de galões de suco concentrado de laranja, 28% da produção estimada para o ano comercial americano 1980/81, que terminará em 30 de outubro próximo.

Assim, a citricultura brasileira, que já se encontrava às portas de uma nova crise, em função da recuperação dos pomares norte-americanos dos efeitos negativos de geadas anteriores, foi salva por mais um capricho climático. De fato, a geada que ocorreu em 1977, na Flórida, quebrou a produção norte-americana nas mesmas proporções da de janeiro deste ano e resultou em safras menores em 1977 e 1978, quando o Brasil conseguiu expandir significativamente sua exportação de suco. No entanto, já em 1979, os laranjais norte-americanos começavam a se recuperar, o que prejudicou as vendas brasileiras de suco concentrado de laranja para os EUA, acarretando, conseqüentemente, a formação de um estoque de cerca de 70 mil toneladas de suco. Juntando-se a isto a queda registrada no consumo dos países industrializados, em 1980, em virtude da crise econômica mundial, havia o risco, segundo estimativas preliminares, de que o Brasil chegasse a 30 de maio passado (término do ano comercial brasileiro) com um estoque final de aproximadamente 200 mil t de suco da safra 1980/81.

Deste modo, as perspectivas para o ano comercial 1981/82, iniciado em 1º/6/81, não eram nada otimistas, considerando-se que o desempenho do mercado mundial do suco de laranja deveria ser o mesmo de 1980/81 e que os EUA colheriam, em 1980/81, (colheita iniciada em março) uma excelente safra, 1% superior à produção do ano prece-

dente e 11% maior do que a da safra 1978/79. Concretizadas estas expectativas, haveria uma produção de 240 milhões de galões de suco concentrado de laranja que, somados ao estoque remanescente da safra 1979/80, possibilitariam o pleno abastecimento do mercado interno norte-americano, cujo consumo experimentou um crescimento de 11%, em 1980. As estimativas anteriores à geada de janeiro revelavam que as importações norte-americanas de suco proveniente do Brasil ficariam em torno de 18 milhões de galões, sendo a maior parte delas feita no sistema de ***draw back***, isto é, voltariam ao mercado internacional, seguindo um grande volume para o Canadá, principal mercado consumidor do suco exportado pelos EUA.

Após a ocorrência da geada, entretanto, as primeiras estimativas feitas pela indústria norte-americana davam conta de uma quebra na produção de suco em torno de 65 milhões de galões a 43,4º Brix. Conseqüentemente, a importação de suco proveniente do Brasil ascenderia a cerca de 45 milhões de galões (equivalentes a aproximadamente 142 mil t de suco a 65º Brix) até 30 de outubro de 1981, quando termina o ano comercial norte-americano. A importação deste volume de suco deverá ser suficiente para cobrir o déficit norte-americano, embora a quebra esperada na produção seja de 65 milhões de galões. Isto reflete uma expectativa de queda no consumo interno daquele país, em decorrência da elevação ocorrida no preço do produto no comércio varejista norte-americano. Um exemplo disso é que, enquanto o preço médio, em 1979, foi de US$ 0,32/lata de 170 g, no ano passado este preço caiu para US$ 0,29, chegando a alcançar, no final de 1980, US$ 0,22. Logo após a geada, subiu para US$ 0,35, mantendo-se estável neste nível até agora. Deve-se ressaltar, entretanto, que a esperada queda no consumo norte-americano não havia ocorrido até o mês de julho passado, o que poderá acarretar uma maior importação por parte dos Estados Unidos.

A partir de janeiro, os EUA entraram no mercado comprando quantidades adicionais de suco para abastecer seu mercado interno. Além disso, os demais países consumidores também elevaram suas compras, tentando, assim, formar estoques antes que o preço do produto se elevasse ainda mais. As exportações brasileiras de suco, para os países europeus, sofreram, porém, um certo desaquecimento, em virtude do elevado preço do produto, causado pela valorização do dólar norte-americano frente às principais moedas européias. As cotações do suco concentrado de laranja na Bolsa de Mercadorias de Nova Iorque apresentaram uma elevação de 67% nos primeiros trinta dias após a geada, continuando a subir durante os meses de fevereiro, março e abril. No dia 6 de abril, a cotação atingiu US$ 1,54/lb de sólido solúvel, valor máximo alcançado pelo produto desde a geada de janeiro. De abril em diante, as cotações do produto mantiveram-se estáveis no nível médio de US$ 1,35/lb de sólido solúvel, nível que deverá ser mantido até o início de outubro, quando o USDA fará sua primeira estimativa da produção norte-americana de laranja da safra 1981/82.

Assim, o estoque remanescente brasileiro da safra 1980/81, cujo ano comercial terminou em 31 de maio próximo-passado, foi bastante reduzido pelo efeito provocado indiretamente pela geada norte-americana. Com efeito, de um estoque previsto inicialmente entre 180 mil t e 200 mil t de suco, somente restaram, no final do ano comercial, 56 mil t, segundo dados fornecidos pela indústria à Cacex. A estas 56 mil t deverão somar-se aproximadamente entre 450 mil e 460 mil t, provenientes da safra 1981/82, que começou a ser esmagada em 1º de junho passado. Isto resultará numa oferta total de 506 mil a 516 mil t de suco a serem comercializadas no período que vai de 1º de julho de 1981 a 31 de maio de 1982 (ver Quadro 1). Deste total, cerca de 15 mil t deverão ser absorvidas pelo mercado interno, restando, assim, entre 491 mil e 501 mil t para serem escoadas para o mercado externo.

O mercado norte-americano, ao que tudo indica, deverá, no ano comercial que se inicia em 1º de novembro próximo, comprar cerca de 140 mil t de suco novamente, pois a produção de laranja da Flórida deverá permanecer nos mesmos níveis da safra 1980/81, podendo, mesmo, apresentar uma redução. Isto porque acredita-se que a geada tenha afetado uma parcela significativa das árvores, sendo necessária a sua erradicação. Em janeiro, grande parte das laranjas ditas precoces (***early*** e ***midseason***) que participam com cerca de 55% da produção total da Flórida, não chegou a ser severamente afetada, uma vez que já se encontrava num ponto de maturação em que os efeitos da geada são mínimos. Os prejuízos maiores da

QUADRO 1

BRASIL — Balanço entre a Oferta e a Demanda de Suco Concentrado de Laranja — Anos Comerciais[1] 1979/80, 1980/81 e 1981/82
(em t)

Discriminação \ Anos	1979/80	1980/81	1981/82[3]
Estoque inicial	38.000	70.000	56.000
Produção	430.000	450.000	450.000/460.000
Oferta total	468.000	52.000	506.000/516.000
Consumo Interno[2]	15.000	15.000	15.000
Exportações	383.000	449.000	471.000/481.000
Estoque Final	70.000	56.000	20.000

FONTE: Cacex, FAESP e ABRASSUCO.
[1] O ano comercial do suco, no Brasil, tem início em 1º de junho e termina em 31 de maio do ano seguinte;
[2] O consumo interno estimado encontra-se estável, há anos, devido às dificuldades estruturais que existem na distribuição;
[3] Estimativa preliminar.

geada, nesta safra, foram os sofridos pela variedade "Valência", 45% do total produzido no estado, por se encontrar ainda no estágio de desenvolvimento (ver Quadro 2). Além disso, a seca que se abateu sobre aquele estado nos meses de março e abril deve ter prejudicado a florada, reduzindo, assim, a produtividade da cultura. Os dados definitivos referentes às perdas reais ocorridas na produção citrícola norte-americana só serão conhecidos, porém, no início de outubro.

Caso os prejuízos sejam confirmados naquela ocasião, as perspectivas de exportação das 491/501 mil t de suco brasileiro serão bastante favoráveis para o ano comercial 1981/82. Isto irá possibilitar ao Brasil conseguir, novamente, em 1982, uma arrecadação recorde com a exportação do produto, devido a um preço médio possivelmente maior, beneficiando igualmente os segmentos agrícola e industrial do setor. Mais uma vez, a política de exportação deverá ter como objetivo principal não apenas os lucros imediatos mas, principalmente, a garantia de mercados consumidores. Estes só serão conseguidos se os preços de exportação do suco brasileiro forem mantidos num nível compatível com o poder aquisitivo dos consumidores.

Atualmente, as próprias características da citricultura brasileira sugerem uma situação tranqüila no mercado, no próximo ano. A produção paulista de laranja, que abastece totalmente a indústria nacional de suco, vinha, nos últimos anos, apresentando incrementos consecutivos, porém, dados preliminares relativos à próxima safra demonstram que a produção citrícola do estado deverá ficar entre 165/175 milhões de caixas, um pouco superior à safra 1980/81. Embora haja grande quantidade de pés novos entrando em produção, o que eleva a produtividade da cultura, a expansão da cana-de-açúcar no estado de São Paulo tem causado a erradicação dos pés velhos e sua substituição por canaviais. Além disso, a geada ocorrida em julho, que deve ter afetado a atual safra em apenas 2% a 3%, poderá ter conseqüências maiores sobre a próxima safra, o que só poderá ser definido após a florada que se inicia em setembro. Mesmo assim, pode ser que, na próxima safra, a

produção apresente um aumento maior do que o previsto, dependendo dos fatores climáticos e, em última análise, da remuneração recebida pelo citricultor. No entanto, a elevação dos preços dos principais insumos em ritmo superior ao do preço recebido pelo produtor, pode acarretar a diminuição nos tratos culturais, como aconteceu na safra 1980/81, resultando numa queda no rendimento.

Mantidas as atuais perspectivas, o setor citrícola agroindustrial poderá passar por mais um período de tranqüilidade. Citricultores e industriais poderão, novamente, em abril ou maio de 1982, entrar em novo acordo sobre o preço de venda da laranja para a indústria, a exemplo do que aconteceu este

QUADRO 2

EUA — Produção de Laranja segundo as Variedades Cultivadas e os Estados Produtores — Safras[1] 1979/80 e 1980/81
(em t)

Discriminação por Variedades e Estados Produtores	Safra 1979/80 (A)	Estimativa anterior à geada (B)	B/A (%)	Safra 1980/81[2] Última estimativa (1º de julho) (C)	C/B (%)
Precoces	6.036.954,0	6.095.307	1,0	5.664.048	- 7,0
Flórida	4.810.320,0	4.692.000	- 2,5	4.308.480	- 8,2
Califórnia	1.109.052,0	1.258.740	13,5	1.224.720	- 2,7
Texas	88.665,0	115.650	30,4	100.230	-13,3
Arizona	28.917,0	28.917	—	30.618	5,9
Valências (tardias)	4.598.424,5	4.659.183	- 0,8	3.758.964	-19,3
Flórida	3.623.040,0	3.590.400	- 0,9	2.713.200	24,0
Califórnia	918.540,0	918.540	—	918.540	—
Texas	66.691,5	73.143	-18,9	57.834	-20,9
Arizona	90.153,0	77.100	15,6	69.390	-10,0
Total por Estado					
Flórida	8.678.160,0	8.514.960	-1,9	7.168.560	-15,8
Califórnia	2.027.592,0	2.177.280	7,4	2.143.260	- 1,6
Texas	155.356,5	192.750	-24,0	169.620	-12,0
Arizona	119.070,0	102.060	-14,3	88.452	-13,3
Produção Total	10.980.178,5	10.987.050	0,06	9.569.892	-12,9

[1] O ano-safra norte-americano se inicia com a florada em outubro e termina em abril/maio;
[2] Dados preliminares sujeitos a retificações.
FONTE: Fruit Situation — março de 1981: estimativas do USDA de 1º de janeiro e de 1º de julho — UNICOM NEWS.

ano, sem atritos e sem prejuízos para nenhuma das partes. Vale lembrar que o acordo feito entre os produtores e os industriais em 1980, referente ao preço que seria pago pela laranja, determinava que, para cada 10 mil t de suco a menos no estoque previsto de 200 mil t em 31 de maio, cada produtor receberia um adicional de US$ 0,015/caixa vendida para a indústria. Este adicional seria pago pelo setor industrial, após o levantamento dos estoques feitos em 31/5/81 por um comitê que reúne representantes da Cacex, dos produtores e da indústria, como forma de diminuir os prejuízos causados aos produtores pelo baixo preço recebido pela laranja.

Até o momento, no entanto, produtores e industriais ainda não conseguiram chegar a um consenso; primeiro, porque a maioria dos contratos de compra da fruta não especifica se o pagamento será feito com base na taxa cambial de julho de 1980, quando foi feito o acordo, ou na taxa vigente à época do pagamento. Neste caso, obviamente, os produtores são favoráveis à segunda hipótese, enquanto os industriais defendem a primeira. Outro ponto de atrito é a alegação da indústria de que não possui recursos para efetuar os pagamentos, tendo em vista que se considera muito onerada com a cobrança feita pelo governo (Cacex) da quota de contribuição regressiva, que terminou em 31 de dezembro do ano passado, substituída pelo Imposto de Exportação de 8% sobre o valor FOB. Este, por sua vez, foi logo substituído pela alíquota de 10% sobre o preço mínimo estabelecido pela Cacex, após a geada, de US$ 1.000/t. O atual esquema de exportação, definido pela Cacex, fixou em US$ 110/t o Imposto de Exportação, o que resultou num preço mínimo de US$ 1.100/t, já incluído o Imposto.

Realmente, a indústria, no ano passado, teve seus lucros muito comprimidos, de um lado pela redução no preço mínimo de exportação, associado à cobrança da quota de contribuição e, de outro lado, pelos elevados custos de armazenagem. Porém, as exportações de suco no ano comercial 1980/81, totalizaram aproximadamente 450 mil t de suco, volume de exportação recorde, a um preço médio entre US$ 950,00/1.000,00/t, o que, ao final, deve ter elevado significativamente os ganhos do setor industrial. Assim, não parece "justo" que esses ganhos fiquem apenas nas mãos dos industriais, pois, em épocas adversas, os prejuízos são divididos também com os citricultores.

A recuperação dos pomares norte-americanos, que deverá ocorrer na safra 1983/84, como em anos anteriores, dois ou três anos depois da geada, deverá encontrar no Brasil um produtor mais experiente. A busca de novos consumidores para o suco concentrado de laranja, nos mercados doméstico e externo, deverá ser, daqui para a frente, o principal objetivo do empresariado, mesmo que para isso sejam necessários investimentos de médio e de longo prazos. A consecução deste objetivo irá propiciar ao setor a base sólida sobre a qual se estruturou a citricultura norte-americana e sobre a qual deverá também se apoiar a citricultura brasileira. Somente desta forma o produtor brasileiro não mais dependerá da ocorrência de fatores aleatórios, sem os quais estaria vivendo, hoje, seguramente, a mais grave crise do setor. É necessário, além disso, que seja feito um planejamento básico, tanto no plano agrícola como no industrial, para que se conheçam as reais possibilidades de crescimento do setor citrícola, evitando, assim, que o crescimento exagerado acabe-se transformando num entrave a seu próprio desenvolvimento.

A expansão do setor agroindustrial de suco concentrado de laranja no Brasil teve como elemento propulsor a ocorrência de uma geada na Flórida (1962) e, de lá para cá, veio saindo das crises econômicas graças à ocorrência de novas geadas naquele estado produtor norte-americano. Foi, basicamente, sobre esta base frágil e aleatória, que foram feitos os investimentos que transformaram o Brasil no maior exportador mundial de suco cítrico e no segundo maior produtor mundial de suco e de laranja. É, pois, chegada a hora de se alicerçar o desenvolvimento deste setor num maior grau de planejamento, tanto do lado da oferta como da demanda. De nada adiantará a abertura de novas fábricas, como ocorreu em 1980, e o incremento da produção de cítricos, se não se conseguir escoar a produção. A formação de estoques, mesmo financiados com recursos a juros subsidiados, não irá melhorar a situação do ano seguinte a uma boa safra. Muito pelo contrário, o mercado internacional responderá imediatamente com preços cada vez menores, como aconteceu no final do ano passado, quando o produto brasileiro chegou a ser exportado por um preço que, se não era inferior ao custo, dele muito se aproximava.